

Kenneth J. Gergen
Mary Gergen

construcionismo
social

um convite
ao diálogo

Tradução
Bureau Translations

instituto
NOOS

Capítulo 2

Da crítica à reconstrução

Uma das coisas mais fascinantes sobre o nosso próprio compromisso com as ideias construcionistas é a incessante criatividade que elas estimulam. Aqueles que buscam a Verdade procuram reduzir o mundo a um conjunto fixo e único de palavras. Declarar A Verdade é congelar profundamente as palavras, reduzindo desta forma o reino das possibilidades para o surgimento de novos significados. Em contraste, os construcionistas preferem o diálogo constante e aberto, no qual há sempre lugar para outra voz, outra visão e outra revisão, e para uma expansão adicional na esfera da relação.

Neste capítulo, apresentamos uma série de grandes desenvolvimentos nos diálogos construcionistas. Inicialmente, levamos a contribuição construcionista à reflexão crítica. Essa discussão nos prepara para considerar o grande desafio que as ideias construcionistas trazem à tradição ocidental do individualismo. O construcionismo privilegia, em nosso entender, a substituição do indivíduo como fonte de significado pela relação. Finalmente, iremos explorar algumas tentativas recentes de reconstruir o conceito de “self”.

Desconstrução e além

À medida que as ideias construcionistas tornaram-se mais disseminadas, também se disseminou a reflexão crítica sobre nossa vida cotidiana. Por que isso aconteceu? Porque a partir do momento em que percebemos que qualquer pronunciamento sobre a

natureza das coisas — seja qual for o status social, as realizações ou a aparente genialidade do enunciador — é apenas “uma maneira de colocar as coisas”. A partir daí, também nos conscientizamos de que poderia ser de outra forma. Cada maneira de construir o mundo sustenta certas tradições, carregadas de valores particulares, ao passo que, simultaneamente, ignora tudo o que estiver fora delas. Assim, nossa curiosidade sobre quais tradições estão sendo respeitadas ou não estão sendo questionadas e que vozes se calam ou estão sendo abafadas é despertada. Começamos a nos questionar, por exemplo, que tipo de mundo é construído por um determinado noticiário, por um discurso político ou por um conjunto de textos científicos. Quem é favorecido, quem é marginalizado? Será que queremos realmente abraçar essa nova maneira de construir o mundo? Esta sensibilidade crítica tem se difundido cada vez mais no mundo ocidental. Estamos nos tornando mais sensíveis às formas pelas quais a televisão constrói vários grupos — afro-americanos, mulheres, italianos, idosos, e assim por diante. Alguns programas da mídia nos alertam sobre a forma pela qual os “fatos são tramados” por políticos e como a ideologia política se encontra sutilmente embutida nos noticiários. Os pais estão muito preocupados com as atitudes consumistas que a televisão passa aos filhos. Tudo isso aponta para um posicionamento crítico diante dos mundos construídos por outros, e, neste sentido, o conhecimento acadêmico construcionista apenas expressa uma ampla sensibilidade que já se encontra em movimento.

Na esfera acadêmica, essa orientação crítica tornou-se extremamente aguçada e, nesse sentido, as teóricas feministas exerceram um papel bastante relevante. Já suas primeiras contribuições nos fizeram perceber os vieses sutis subjacentes a palavras tais como “humanidade”, “policial” e “presidente”; aliás, atualmente, muitos

questionam a representação masculina de Deus. Outros grupos que também sentem o peso opressivo da cultura dominante sobre suas formas de vida juntaram-se às acadêmicas feministas. Hoje, muito deste pensamento crítico está também presente nos Estudos Afro-americanos, nos Estudos Orientais, na Teoria Queer*, nos Estudos Culturais, entre outros. No próximo capítulo, exploraremos o trabalho específico do movimento da “educação crítica”.

QUEM TEM O PODER? O ESPERMA OU O ÓVULO?

Um poderoso exemplo de trabalho feminista crítico encontra-se no estudo de Emily Martin sobre os textos médicos que descrevem o processo da fertilização humana. A autora observa que a maioria das descrições populares segue um padrão de conto de fadas, no qual uma multidão de espermatozoides ativos (os heróis da história) se esforça, lutando contra grandes adversidades para invadir a fortaleza e penetrar no Óvulo-Princesa. Enquanto isso, a princesa permanece passivamente sentada a espera do feliz e heroico vencedor do combate. A fertilização é o final feliz da bem-sucedida conquista do herói. Como ressalta Emily Martin, esta explicação biológica da fertilização agrega autoridade científica ao antigo mito cultural do macho poderoso e ativo e da fêmea passiva e indefesa.

Quando assistimos um vídeo sobre o processo de fertilização, vemos virtualmente o espermatozóide ativo penetrar no óvulo passivo. Mas será mesmo assim? Emily Martin indaga o que veríamos se nossa história retratasse um exótico Óvulo-Sereia que atrai os incautos e indefesos espermatozoides para seu esconderijo? Enquanto o Óvulo-Sereia os atrai em sua direção, seleciona um dos espermatozoides e destrói os outros. Neste caso, o óvulo se transforma na força dominante e nossa visão do que ocorreu no vídeo muda completamente.

* Queer Studies no original. A Teoria Queer defende que o gênero é uma construção social e que, portanto, as identidades, papéis e orientações sexuais dos indivíduos não são uma essência, tampouco estão relacionados a uma inscrição biológica na natureza humana; são antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais. De modo geral, a Teoria Queer busca ir além das teorias feministas baseadas na dicotomia homem x mulher, dando maior atenção aos processos sociais amplos que sexualizam a sociedade como um todo de forma a heterossexualizar ou homossexualizar instituições, discursos, direitos. Neste sentido, a Teoria Queer se distingue dos estudos gays e lésbicos, pois considera que essas culturas sexuais foram normalizadas e não apontam para a mudança social. Daí o interesse em estudar o travestismo, a transexualidade e a intersexualidade, bem como as culturas sexuais não-hegemônicas caracterizadas pela subversão ou pelo rompimento com normas socialmente prescritas de comportamento sexual e/ou amoroso (N.R.).

Certamente, a segunda história é tão verdadeira quanto a primeira (e nem um pouco mais politicamente correta!). Ambas são construções narrativas do que está ocorrendo, embora as implicações científicas sejam totalmente diferentes. A autora, uma médica antropóloga, considera de fundamental importância que a natureza política de nossas interpretações seja entendida, inclusive porque o resultado disso também será uma biologia melhor. Na pesquisa tradicional sobre a infertilidade, atribui-se grande importância à mobilidade e à resistência do esperma. Ao adotarmos a segunda história – a do óvulo como sereia – a atenção se volta para as características do óvulo e a passagem que o esperma deve atravessar. No entanto, as duas histórias são limitadas. Será que não poderiam existir outras narrativas ou metáforas proveitosas para aumentar o nosso entendimento sobre a reprodução humana?

Os esforços críticos são extraordinariamente importantes para o desenvolvimento da democracia, pois frustram a tentativa de qualquer grupo que pretenda dominar ou anular os outros através de sua construção particular do real e do bom, além de multiplicar os controles recíprocos da sociedade que asseguram uma participação total. Por exemplo, sabendo que os principais jornais reproduzem as notícias a partir de um ponto de vista particular e que existem muito poucos jornais independentes, as centenas de sites e fóruns de discussão na Internet aumentam as possibilidades para a expressão pública. Além de estimular a democracia, muitos consideram esse importante trabalho como libertador. Quando as pessoas são capazes de ver os limites e os vieses naquilo que comumente se aceita como óbvio, elas ficam livres para considerar alternativas.

Contudo, ainda que indispensável para uma sociedade imparcial, o impulso crítico também é perigoso, visto que a crítica questiona a legitimidade do que é dito ou escrito. E, se suas palavras estiverem sendo questionadas, é possível que você seja apresentado

como preconceituoso, egoísta, opressivo ou explorador. Não surpreende o fato de que muitas vezes a raiva e o contra-ataque sejam a resposta à crítica. Tanto aquele que critica quanto o seu alvo, via de regra, acredita no bem que está fazendo, mas, rapidamente, a possibilidade de confiança é destruída e a hostilidade mútua prevalece. Neste sentido, tornam-se necessárias novas formas de discurso para substituir a tradição da crítica total. Como refletir de forma crítica sem demonizar? Como superamos as barreiras do “fazer sentido” isoladamente para construirmos, juntos, futuros mais promissores? Vislumbraremos algumas possibilidades no Capítulo 3.

Do indivíduo à relação

O que pode haver de mais óbvio do que a constatação de que nosso mundo se compõe de indivíduos separados, na maioria das vezes dotados da capacidade de tomar decisões conscientes? A partir desta constatação óbvia, favorecemos uma democracia na qual cada cidadão adulto tem direito a voto, onde há tribunais, em que atores individuais são considerados responsáveis por suas ações, onde existem escolas para avaliar o trabalho de cada aluno e organizações nas quais os funcionários são submetidos individualmente a avaliações de desempenho. É basicamente por isto que caracterizamos a cultura ocidental como individualista.

Entretanto, para um construcionista, o fato óbvio do “indivíduo como um tomador de decisões consciente” não é algo tão óbvio assim. Pelo contrário, vemos isto apenas como uma forma de construir o mundo. Aliás, a orientação individualista com relação à vida social não é tão antiga do ponto de vista histórico (possivelmente data de três séculos), e não é compartilhada pela

maioria das pessoas no mundo. Não que isto faça com que esta orientação seja errada, mas nos permite dar um passo além de nossas certezas e indagar sobre os prós e os contras desta concepção. O que podemos ganhar com essa forma de construir o mundo? O que podemos perder? Quais são as alternativas?

Certamente pode-se dizer muita coisa em favor do individualismo, como, por exemplo, que a vida é significativa e importante para muitas pessoas, porque elas se sentem amadas, honradas e valorizadas pelo que são. E, para a maioria de nós, não existe melhor alternativa à democracia. Ao mesmo tempo, o individualismo tem suas desvantagens. Do ponto de vista individualista, somos instados a ver o mundo social como se ele, basicamente, fosse constituído de seres isolados. Aprendemos que não podemos penetrar na mentes dos outros e, assim sendo, não podemos conhecer ou confiar totalmente nos outros. O pressuposto de que cada um está apenas preocupado consigo mesmo exige um treinamento moral para que passemos a nos preocupar com os demais. A autoavaliação transforma-se na dimensão essencial em torno da qual vivemos nossas vidas, com medo de sermos tratados com desdém, procurando ser sempre melhores do que os outros. Num mundo individualista, as relações são relegadas a um segundo plano, porque são tratadas como artifícios que, provavelmente, demandam tempo e que são essenciais apenas nos casos em que não somos autossuficientes.

É exatamente nesse ponto que as ideias construcionistas vão deslanchar. Se uma determinada construção do eu ou do mundo vai contra o nosso bem-estar, somos instados a desenvolver alternativas. De fato, a partir da perspectiva construcionista, são as relações, e não os indivíduos, que constituem a base da so-

cidade. Vamos ampliar esta possibilidade, não porque a visão relacional seja a verdadeira, mas porque, ao entrarmos nessa construção, podemos promover novas e mais promissoras formas de ação.

O significado como ação coordenada

Geralmente falamos de significado como algo que mora nas mentes dos indivíduos. Pressupomos que as palavras sejam a expressão externa das elucubrações internas da mente. Quando perguntamos a alguém “O que você quer dizer com isso?”, esperamos que o interlocutor esclareça seus pensamentos privados. Esta concepção de significado encontra-se próxima ao cerne da tradição individualista e considera o indivíduo como a fonte de todo significado. Entretanto, além de seu viés individualista, esta concepção também gera um problema insolúvel para o entendimento humano, porque, se o significado se encontra “dentro da mente do outro” e a única pista “do que acontece lá” são expressões verbais, jamais teremos a capacidade de entender o outro. Nunca chegaremos a verificar se estamos certos ou não, a não ser por meio do que o outro externaliza. Contudo, essas externalizações nos deixam no mesmo dilema, pois como poderemos saber o que significam? Entramos então no que os estudiosos chamam de “*círculo hermenêutico*”, um interminável círculo no qual cada resposta simplesmente cria outra pergunta. A melhor forma de escapar do círculo é abandonar a construção de “um mundo interno” onde o significado é criado. Deixamos de nos concentrar no significado dentro da mente e focalizamos a maneira pela qual o significado é criado na relação. Passamos do “entre” para o “dentro”. Mas como podemos entender o significado como algo relacional?

Considere as seguintes proposições:

1. Os enunciados de um indivíduo não têm significado em si mesmos.

Um homem passa por uma mulher na rua, sorri e diz: “Oi, Anna!” Ela não ouve a saudação e segue seu caminho em silêncio. O que ele disse, então? Certamente pronunciou duas palavras. Entretanto, por maior diferença que isso faça, ele poderia ter escolhido duas sílabas quaisquer ou simplesmente poderia não ter dito nada, pois, sozinho, ele não constrói um significado.

2. O potencial de significado é concretizado através de uma ação complementar.

As expressões de um indivíduo começam a adquirir significado quando outro indivíduo responde, ou seja, quando a outra pessoa agrega uma ação complementar. Se Anna tivesse respondido: “Oi! Bom dia...”, ela teria feito das palavras dele um cumprimento. Comunicar requer que outros nos concedam o privilégio de um significado. Se os outros não tratarem as nossas expressões como comunicação (dizendo, por exemplo, “Isto não faz absolutamente o menor sentido”), se não conseguirem se coordenar com relação ao que oferecemos (“Isto é uma total idiotice”), não teremos produzido o menor significado.

Combinando essas primeiras duas proposições, vemos que o significado não reside em nenhum dos dois indivíduos, mas somente na relação de ambos. Tanto a ação quanto o complemento precisam estar obrigatoriamente coordenados para que o significado ocorra. É como um aperto de mãos, um beijo, ou dançar tango: são sempre necessárias duas pessoas.

3. A própria ação complementar requer um complemento.

Qualquer complemento age duplamente: em primeiro lugar, conferindo significado àquilo que o precedeu e, em segundo, como uma ação que, por sua vez, também requer complemento. Com efeito, o significado conferido permanece em

suspensão até ser também ele complementado. Considere uma mulher em terapia que fala de sua sensação de desamparo porque se sente incapaz de lidar com um marido agressivo e com um emprego insuportável. O terapeuta pode tomar essas verbalizações como expressões de depressão, respondendo “Sim, eu entendo que você está deprimida; fale mais a respeito”. Enquanto a paciente não apresentar outra questão, este permanecerá inativo em termos de significado. Se a paciente simplesmente ignorar o que foi dito, terá negado um significado às palavras do terapeuta. Por outro lado, se ela disser, “Eu não disse que estou deprimida; estou apenas com raiva!”, estará reduzindo a declaração do terapeuta a uma afirmação arrogante. Porém, se a paciente disser “Sim, estou terrivelmente deprimida...”, a depressão se torna uma realidade que poderá ser trabalhada em conjunto com o terapeuta. De uma forma geral, podemos dizer que vivemos nossas vidas dialogicamente. Fazemos sentido só em função daquilo que precede e daquilo que segue.

4. As tradições nos oferecem possibilidades de significado, mas não determinam o que deve ser.

É importante reconhecer que as palavras e as ações com as quais contamos para juntos gerarmos um significado muitas vezes provêm de um outro tempo e de um outro lugar. Se alguém o abordasse e começasse a emitir uma série de vogais, “aaaaa, eeeee, oooo, uuuu...”, com certeza você ficaria intrigado e talvez até procurasse a saída mais próxima, porque as ações desse indivíduo não fazem parte de qualquer sequência coordenada que seja familiar a você. Com efeito, nossa capacidade de juntos produzir sentido hoje baseia-se numa história, muitas vezes com muitos séculos de existência. Neste sentido, devemos a um histórico de coordenações nossa capacidade de nos apaixonar, de apoiar uma causa justa ou de acompanhar com prazer o desenvolvimento de nossos filhos. Em cada um desses casos, tomamos emprestados os tesouros das relações passadas.

Mas nós não somos determinados pelo passado. Combinações originais de ação/complemento estão em constante movimento.

Pense em uma animada conversa; para qualquer expressão, há dezenas de complementos possíveis e significativos. Conforme ela vai se desenrolando, traz um resultado que é uma criação totalmente exclusiva. Aqui também é possível ver o valor do jogo. Quando concordamos em brincar ou em passar o tempo nos divertindo, dizemos e fazemos coisas que não são propriamente convencionais. Novas sequências são geradas... o riso corre solto... e até mesmo novas percepções poderão ser criadas.

O “Eu” relacional

Como é ser um ser humano? Qual é a nossa natureza fundamental? Estas são perguntas que não nos fazemos com frequência, porque mais ou menos pressupomos que nós, seres humanos, somos criaturas que têm a capacidade de tomar decisões racionais, sentir emoções e desejos, recordar o tempo passado, e assim por diante. Contudo, como já mencionamos anteriormente, essas crenças comuns só vieram a ter importância na cultura ocidental nos últimos séculos. Foi somente no século XVII, quando Descartes afirmou “Penso, logo existo”, que se tornou patente o fato de que podíamos pensar e que o pensamento era chave para a existência de uma pessoa. Da mesma maneira, o conceito de “sentimento” apareceu apenas por volta do século XVIII; nesse ínterim, outras qualidades humanas foram desaparecendo. Por exemplo, de certa forma nos esquecemos da importância da “melancolia”, um estado emocional que foi descrito em certo momento como silêncio macabro e súbitos acessos de raiva. A melancolia era algo tão óbvio no século XVII que Robert Burton escreveu um livro de 500 páginas a respeito de suas causas e curas. A “alma” foi tida como um fato da vida humana por anos, ao passo que hoje muitos a consideram um mito. Da mesma forma, nos últimos sécu-

los, o livre-arbítrio tem sido considerado uma virtude exclusiva das pessoas, embora para a maioria dos cientistas, cuja visão do mundo é determinista, o livre-arbítrio seja uma evidente ficção.

DOENÇA MENTAL COMO DISCURSO DO DÉFICIT

Você toma medicamento contra depressão? Conhece algum jovem que tenha sido diagnosticado como portador de TDA (Transtorno do Déficit de Atenção)? A resposta a essas perguntas vem sendo progressivamente afirmativa. Contudo, até o século XX, não existiam distúrbios mentais com o nome de depressão ou déficit de atenção. É interessante observar que no ano de 1900 havia apenas um punhado de termos que identificavam as doenças “mentais” e, até o ano 2000, os profissionais da saúde já haviam “descoberto” mais de 400 formas de doença mental. Atualmente, a doença mental representa um dos maiores gastos na área da saúde nos Estados Unidos, e os psicofármacos transformaram-se num negócio multibilionário. A medida que o discurso do déficit adquire credibilidade científica e essas deficiências se tornam de conhecimento público, também nós acabamos por nos construir dessa forma.

De acordo com a perspectiva do construcionismo social, a doença mental não “existe” no mundo simplesmente à espera de ser descoberta. Pelo contrário, nós construímos... ou não... certas ações como “doença”. Uma pessoa que está “triste”, “indiferente” ou “na fassa” não precisa ser diagnosticada como “doente”. Mais apropriadamente, podemos acreditar que a pessoa possa estar precisando de um pouco de apoio dos amigos ou da família, de um pouco de sucesso e de reconhecimento, de uma nova namorada ou de tempo para superar uma perda. Mas se rotularmos essa pessoa como portadora de “depressão clínica”, ela pode acabar sendo encaminhada para um tratamento que poderá levá-la, inclusive, a se tornar dependente de antidepressivos pelo resto da vida. Se descrevermos uma criança como “transbordando de curiosidade” ou “precisando de muito estímulo”, podemos encontrar coisas mais interessantes para ela fazer. Se essa mesma criança for diagnosticada como portadora de transtorno do déficit de atenção, muito provavelmente o especialista lhe prescreverá Ritalina (metilfenidato) por muitos anos. Na condição de construcionistas sociais, estamos sensíveis a esses efeitos problemáticos do discurso do déficit e incentivamos a busca por construções alternativas mais promissoras.

Concentremo-nos agora no mundo da atividade mental como o consideramos atualmente. Com certeza, falar de nossos pensamentos, sentimentos, desejos e memórias é algo extremamente precioso para nós. Qual seria, por exemplo, o valor de um relacionamento íntimo se não acreditássemos estar compartilhando nossos sentimentos mais profundos? Contudo, o fato de as formas com que construímos nossas mentes sejam tão importantes para nós não as colocam além da reflexão. Vamos considerar que as palavras “pensamento”, “emoção”, “desejo” e “memória” constroem um mundo “dentro da cabeça” do indivíduo. Como discutimos no tópico sobre o Eu Relacional, se o “mundo interior” for o aspecto mais importante do significado de existir como um ser humano, criaremos um mundo de separação, isolamento e conflito, e talvez não sejamos sequer capazes de explicar como é possível a comunicação. Basicamente, ao construirmos essa noção de pessoa contribuimos para uma ideologia de individualismo cujas implicações para a vida social não são totalmente satisfatórias.

Para o construcionista, esses problemas também trazem desafios à reconstrução. O construcionista pergunta: “É possível reconstruir o ‘mundo mental’ de tal maneira que ele não seja mais privado, ‘aqui dentro’, ‘atrás dos olhos’?” “Será que podemos começar a considerar que pensamentos, sentimentos, desejos e memórias nascem de relações e que não fazem sentido fora delas?” Se formos bem-sucedidos em nossa reconstrução, não nos veríamos mais como seres isolados e independentes, basicamente à procura de satisfazer os próprios interesses ou ameaçados de extinção pelos competidores. Poderíamos nos ver como resulta-

do de uma relação, e o “Eu versus o Outro” se transformaria no “Eu através do Outro”. Vejamos então alguns passos importantes para a construção do Eu Relacional.

A reconstrução relacional da mente

A tarefa de criar o Eu Relacional não é fácil, basicamente, porque as palavras para nós disponíveis são fruto de uma tradição individualista. Dispomos de milhares de termos que “tornam reais” as condições e os conteúdos da mente individual. Podemos falar indefinidamente sobre nossos pensamentos, sentimentos, desejos, esperanças, sonhos, ideais, e assim por diante. No entanto, dispomos de pouquíssimas palavras para descrever relações. É como se tivéssemos uma linguagem extremamente rica para descrever as peças de um tabuleiro de xadrez, mas poucas para descrever o jogo propriamente dito. Como poderemos proceder para que um Eu Relacional faça sentido sem tomar como ponto de partida a suposição de mentes individuais? Muitos acadêmicos estão justamente tentando responder a essa pergunta.

Considere agora as seguintes hipóteses que começam a ampliar as perspectivas.

1. O discurso da mente nasce do diálogo.

Muitos acreditam que as palavras que exprimem estados mentais sejam imprescindíveis em virtude da existência factual de tais estados. Ou seja, pelo fato de o pensamento realmente existir na mente, podemos chegar a desenvolver o termo “pensamento”. Em contrapartida, o construcionista pode argumentar que não dispomos do substantivo “pensar” porque, ao perscrutarmos nossas mentes, identificamos um processo que agora chamamos de “pensamento”. Mas, afinal,

para que estaríamos olhando já que não podemos enxergar os pensamentos no nosso cérebro, e como poderíamos identificar um “pensamento” como oposto a uma “atitude” ou a uma “esperança”, se isto fosse possível?

Nossas linguagens nascem no interior de nossos diálogos com os outros. A declaração de Descartes a respeito de seu “pensar” só é razoável no contexto de uma história especial de diálogo. E se, em sua conversa com outros filósofos, eles lhe tivessem perguntado: “Que diabos você quer dizer com a palavra ‘pensar’?” Sem a coordenação humana, o discurso permanece vazio. Uma vez que as palavras que dirigimos à mente são criadas no diálogo, fica fácil entender porque termos e expressões aparecem e desaparecem ao longo da história e porque é relativamente fácil inventar centenas de novos termos para a doença mental. Isto também explica porque as diferentes culturas do mundo não compartilham o mesmo entendimento a respeito de “como as pessoas funcionam”.

2. O discurso da mente adquire valor através do seu uso.

Afirmar que o discurso da mente nasce no diálogo é afirmar também que seu significado depende de seu uso social. Não precisamos nos questionar se as palavras que usamos retratam com exatidão nosso estado interno. Se você diz “Eu quero muito que você esteja aqui comigo”, a questão não é se a palavra “quero” corresponde a uma condição em seu cérebro, e sim como essas palavras funcionam dentro de uma relação. Quais são as consequências sociais quando você pronuncia essas palavras?

Considere todos os termos disponíveis em nosso vocabulário para expressar estados de atração. Você pode dizer “Eu admiro você”, “Eu só quero ser seu amigo”, “Você é o máximo!”, “Eu gosto de você”, “Sou louco por você”, “Eu te amo”, “Eu te adoro”, “Você me enlouquece”, “Estou desesperado por você” e assim por diante. As possibilidades são praticamente

infinitas. Agora, considere o impacto sobre as outras pessoas se você usasse uma dessas frases em oposição a outra. Dependendo do momento ou a quem você dirige essas palavras, as pessoas poderão se aproximar, ficar pasmas ou até mesmo mandar expedir uma liminar contra você! Dispomos de inúmeras formas para falar de atração, não porque existam inúmeros estados de espírito, mas em virtude das demandas de uma vida complexa de relações.

3. A linguagem é apenas um componente de ações plenamente realizadas.

Até agora colocamos grande ênfase nas palavras – palavras como “pensamento”, “emoção” e assim por diante. Porém, essas palavras evidentemente se fazem acompanhar de expressões faciais, posturas, movimentos corporais, gestos etc. Tais ações corporais são vitais para o modo como as palavras irão funcionar. Você pode dizer para alguém “Sinto muito por ter te magoado”, mas se essa expressão for acompanhada por uma gargalhada ou for feita num tom zombeteiro, você poderá se meter em encrenca. Para dar credibilidade a esta declaração é preciso que a expressão facial seja séria. Neste caso, é interessante pensar nos atores que devem criar interpretações convincentes das emoções, seja de amor, raiva, ou compaixão. Suas palavras são apenas um componente da interpretação corporal completa, e os atores não se questionam a respeito de seus verdadeiros sentimentos, pois estão simplesmente preocupados em *representar* essas emoções.

É importante frisar que não estamos dizendo que essas “performances” sejam superficiais ou “calculistas”. Por exemplo, quando nos encontramos no “calor da ira”, estamos mais envolvidos do que o ator no palco. Inversamente, o ator precisa manter sua performance a uma certa distância, porque ele deve “representar o papel” e não “exercer o papel”. Da mesma maneira que um jogador de basquete salta com ânimo por entre vários corpos para poder fazer cesta, devemos “atu-

ar” nossas emoções com inquebrantável imersão. De forma não muito diferente do ator, necessariamente calculamos os efeitos de nossa atuação. Normalmente, não realizamos duas performances ao mesmo tempo, dizendo “Agradeço imensamente por sua ajuda” enquanto pensamos “Se eu disser isso, ele me ajudará de novo”. Naturalmente, essa dupla atuação é possível, mas na maioria das vezes estamos simplesmente “lá”, presentes, atuando de forma autêntica.

4. *Performances são componentes de sequências relacionais.*

O significado de uma palavra depende fundamentalmente da frase na qual está inserida. O significado de “bala” depende totalmente da frase: “Dê-me uma bala” em contraposição a “Ele foi atingido por uma bala”. Da mesma forma, performances de pensamentos ou sentimentos só fazem sentido em momentos específicos dentro de uma sequência relacional. Você não pode sair correndo em direção a um estranho e gritar “Estou furioso!”, e esperar que isto faça sentido. Entretanto, se o estranho estiver fugindo depois de ter danificado o seu carro, essa mesma expressão tem um sentido adequado. Neste caso, poderíamos até desaprovar a pessoa que não expressasse sua raiva. Existem apenas alguns tempos e lugares em que uma determinada expressão seja apropriada do ponto de vista relacional; do contrário, ela pode soar, no mínimo, estranha.

Talvez seja interessante aqui pensar em uma dança, seja um samba, um tango ou uma salsa. Os movimentos do casal de dançarinos fazem sentido somente nos limites da dança e nenhum dos dois dançarinos poderia executá-los sozinho. Os movimentos do par são necessários para ocasionar a dança. Além disso, para serem bem-sucedidos, os movimentos de um dos dançarinos devem estar coordenados com os movimentos do outro. Não existem movimentos puramente *solo*, mas em determinados momentos certos movimentos são necessários, como, por exemplo, quando um dos dançarinos precisa sinalizar ao outro para se preparar para girar no meio da dança.

Da mesma maneira, as performances da mente só fazem sentido no âmbito de determinados relações, são esperadas em certos momentos dos relacionamentos, não esperadas em outros, e exigem a cooperação da outra pessoa para que tenham significado. Se um amigo seu complementá-lo, esta ação preparará o terreno para que você expresse prazer (ou acanhamento). E se você disser algo como “Ah! Isso me deixa muito feliz”, estará preparando o terreno para uma resposta do tipo “Você merece!”. Cada ação leva a uma próxima, cada ação exige outra para se legitimar. Em termos mais gerais, as performances da mente não são uma propriedade particular, são componentes de relação.

A DOR COMO EVENTO RELACIONAL

Dor é dor, independentemente de como falamos dela. Ou assim, acreditamos que seja. Uma das implicações mais interessantes da visão relacional do discurso mental é que, no fim das contas, a dor pode não ser um acontecimento tão pessoal assim. Em vez disso, a forma como vivenciamos a dor pode depender da história e do contexto das relações. Pense num jogador que termina uma partida de futebol americano todo contundido, sangrando, e ainda assim diz “Foi muito bom!”. Há também o sadomasoquista que paga para que a mulher dominadora o chicoteie, além dos penitentes cristãos da Idade Média que se autoflagelavam para se aproximar do sofrimento de Cristo na cruz. Certamente existe uma sensação física especial em todos esses casos, mas qualificá-las como uma “dor horrível” ou como “uma experiência bem-vinda” é algo que vai depender de uma cultura relacional.

Grandes somas de dinheiro são despendidas anualmente no controle da dor. A maioria desses esforços pressupõe que dor seja dor e que sua minimização dependa obrigatória e basicamente da alteração da química cerebral. No entanto, do ponto de vista construcionista, a questão mais importante consiste em ver se somos capazes de reconstruir a dor e encaixar a experiência em novas e mais promissoras formas relacionais. Arthur Frank, em seu livro revolucionário *The Wounded Storyteller* (O Contador de Histórias Ferido), propõe que nossa experiência de dor depende primordialmente das narrativas através das quais a dor é entendida.

Por exemplo, na *narrativa de restituição* (“Eu estava sem dor antes, agora estou com uma dor terrível, mas ela logo irá passar”) fica subentendido que a dor dará lugar a um estado de bem-estar. Nesta narrativa, a dor é simplesmente um estorvo indesejável e sentimos-nos pessimamente mal até que a normalidade se restabeleça. A história das cólicas menstruais consiste numa típica narrativa de restituição. Mais promissora, entretanto, é a *narrativa de busca*. Neste caso, vemos-nos como se estivéssemos numa missão em busca de maior compreensão, talvez até de uma iluminação espiritual. O sofrimento permite que sejamos testemunhas, que informemos outras pessoas a partir de uma ocasião de sabedoria, o sofrimento adquire um significado positivo. As dores do parto podem ser o exemplo mais elementar da narrativa de busca, porque a dor, ou seja, a sabedoria e a alegria se entrelaçam de maneira indissolúvel.

Ao adotar esta visão relacional, podemos reconstruir tudo o que supúnhamos serem eventos pessoais, isolados e “da mente” – pensamentos, emoções, planos, ou desejos – como sendo eventos fundamentalmente relacionais. Sentir tristeza ou alegria, êxtase ou agonia, amor ou ódio, desejo ou desprezo, é participar da tradição da relação. Não possuímos esses estados dentro de nós, tampouco eles se encontram encerrados nas estruturas do cérebro; pelo contrário, somos nós que os executamos ativamente. Esses estados não nos impulsionam para a ação, nem a nossa ação os estimula para a vida. Estados e ação são a mesma coisa.

Sua voz cética poderá responder “Mas eu tenho experiências privadas porque geralmente penso ou sinto emoções quando estou totalmente sozinho”. Vejamos: podemos estar isolados de outras pessoas em termos físicos, mas as atividades que realizamos sozinhos estão estreitamente vinculadas à nossa imersão nas relações. “Sentir tristeza” ou “estar pensando a respeito de um problema” são, basicamente, atuações parciais, afastadas das circunstân-

cias normais da relação. Neste sentido, “pensar com seus botões” é como realizar um diálogo em público, apenas sem ser a performance completa de quando falamos com outra pessoa. A tristeza na privacidade de um quarto não é essencialmente diferente da tristeza vivenciada em público, só que, sozinhos, podemos não desempenhá-la “por completo”, com as expressões faciais e a postura corporal apropriadas. Estar sentado sozinho e sentindo-se triste é participar da dança cultural, mas sem a presença de outras pessoas. Sem uma história de relações há muito pouco que possamos chamar de “um mundo particular”.

Foco do capítulo

Neste capítulo tratamos com respeito e apreço os processos relacionais. É a partir da relação que tudo o que consideramos real, racional, verdadeiro e de valor emerge. As implicações da ênfase relacional são vitais, não só porque permitem desestabilizar a tradição enraizada do individualismo, mas também porque somos instados a reconsiderar muitas de nossas instituições, desde os rituais do relacionamento íntimo até nossas práticas na educação, na política e nas leis. Uma perspectiva racional desperta o apreço por nossa vida com os outros, no lugar de uma vida separada dos outros ou contra os outros. Centramo-nos no poder gerador da relação e do fluxo de ações coordenadas. Por meio de performances junto aos outros e junto a nós mesmos, criamos nossas realidades racionais e emocionais. Aquilo que antes era denominado “processos mentais” foi recriado como “processos relacionais”. O Eu Relacional passa a existir através das relações com outros. Nos dois capítulos a seguir, iremos explorar as práticas nas organizações, escolas, processos terapêuticos e na pesquisa que levam os conceitos relacionais à ação.